

COMISSÃO DA VERDADE

12/08/2013

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO - PT

COMISSÃO DA VERDADE**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****12.08.2013**

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Está instalada a 72ª Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 12 de agosto de 2013, na Assembleia Legislativa, no Auditório Teotônio Vilela, para oitiva de depoimentos dos casos Antonio Benetazzo e Juan Antonio Carrasco Forrastal.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público.

Para compor a Mesa eu queria convidar a Luiza Sanção, jornalista que será uma das depoentes sobre o caso Benetazzo e Juan Antonio Carrasco Forrastal.

Eu queria anunciar que tem uma delegação de Caraguatatuba, coordenada pela Professora Rose Teles, da Escola Estadual Ribeiro de Lima, os alunos que estão aqui conosco, que foi a escola onde Benetazzo estudou, lá em Caragua, que até hoje eles têm o Núcleo da Memória da Vida do Benetazzo. Então queria pedir para a Luiza, depois queria que a Rose se organizasse para dar um depoimento, porque é importante o trabalho maravilhoso que eles fazem lá em Caragua.

Queria que a Luiza se apresentasse, dissesse como teve acesso a todo esse trabalho, como se organizou e a gente entra no assunto da reunião. Boa tarde e obrigado.

A Dulce também, convido a Cida Horta para compor a Mesa, o Toshio e a Professora Rose.

O SR. RENAN QUINALHA – Boa tarde a todos, sou Renan da Assessoria da Comissão, vou ler o memorial de Juan Antonio Carrasco Forrastal.

Nasceu em 30 de janeiro de 1945, em La Paz, Bolívia, filho de Antonio Carrasco Bustilho e Olga Forrastal de Carrasco. Foi morto em 28 de outubro de 1972. Juan

Antonio Carrasco Forrastal e o irmão Jorge Rafael vieram para o Brasil com bolsa de estudos, Jorge cursava engenharia e morava no conjunto residencial da USP. Após a decretação do AI5 o CRUSP foi ocupado pelo Exército, pela Aeronáutica e pela Força Pública com tanques blindados em 17 de dezembro de 1968. Nesta ocasião foi preso com muitos outros estudantes residentes no local.

Ao saber da prisão do irmão Juan saiu à sua procura, e acabou sendo preso no II Exército, na prisão arrancaram-lhe a bengala e a perna mecânica, e por ser hemofílico os golpes recebidos lhe produziram derrames pelo corpo inteiro.

Seus pais, Olga e Antonio, que residiam no Brasil pediram ajuda ao Consulado Boliviano. Alegando que Juan corria risco de vida por ser hemofílico o Consul da Bolívia em São Paulo, Alberto Del Caprio, conseguiu que Juan fosse removido para o Hospital de Clínicas, mas logo foi transferido para o Hospital Militar do Cambuci. Mesmo internado Juan era submetido à tortura psicológica.

Transferidos para o Quartel Paulista de Quitaúna os irmãos foram violentados e queimados com cigarro sob as ordens do Coronel Albim, segundo o relato de seus familiares.

Libertados no início de 69, Jorge conseguiu voltar a estudar e se formar, mas Juan entrou em uma sucessão de crises e internações que se agravaram após a morte do irmão Jorge em acidente de carro.

Em depoimento anexado ao caso na Comissão Especial sobre os Mortos e Desaparecidos Políticos, Mary Deheza Balderama, amiga da família declarou: “Não era mais o mesmo, o moço alegre, otimista e confiante ceder lugar a outro com graves alterações psíquicas, amedrontado com tudo, não podia ver um militar. Mesmo faltando apenas um ano para terminar o curso de física nuclear não queria mais voltar às aulas nem lecionar como fazia antes”.

Depois do tratamento no Hospital das Clínicas de São Paulo a família o levou para a Espanha em 28 de outubro de 72. Após 12 dias de internação no Hospital da Cruz Vermelha em Madri entrou em delírio, e suicidou-se durante um breve momento em que a mãe havia saído do quarto.

O pedido de reconhecimento do caso de Juan como vítima da repressão política ingressou na Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, mas sequer chegou a ser protocolado, tendo a família sido informada de que a morte por suicídio no exterior, mesmo que em decorrência das sequelas de torturas, não se enquadrava na Lei 9.140/95.

Com a ampliação do benefício por meio da Lei 10.085/04 os pais entraram com um novo requerimento e o caso de n. 167/04, tendo como Relator Augustino Veite, foi aprovado por unanimidade em 16 de fevereiro de 2006.

Vou passar à leitura do Memorial do segundo caso de hoje, Antonio Benetazzo, assassinado em 30 de outubro de 72.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Renan, vamos passar um de cada vez, devido à relevância do caso Benetazzo vamos fazer do Juan e depois a gente abre do Benetazzo.

Queria que a jornalista Luiza Sanção pudesse começar seu depoimento.

A SRA. LUIZA SANÇÃO – Boa tarde.

Acho que é mais importante falar sobre a pesquisa em si, como isso aconteceu. Em setembro do ano passado o Pedro Tomaz, editor da Revista Adusp me passou a pauta sobre os dois irmãos, Juan Antonio Forrastal e Jorge Rafael, que até então a única informação que a gente tinha é que eles haviam sido presos na invasão do CRUSP em 17 de dezembro de 68.

Como no breve histórico lido pelo colega, eles tinham vindo para o Brasil em 65, porque como Juan Antonio era hemofílico eles vieram, na verdade, para tratar da hemofilia de Juan Antonio. Na Bolívia, segundo a irmã deles, não havia ainda condições para fazer isso. E aí, quando eles vieram foi especificamente para esse tratamento. Então ele passou a usar perna ortopédica e vinha sendo tratado no Brasil, a família veio para cá, o pai Antonio Carrasco de Bustilho era contador e a mãe passou a trabalhar no Conselho de Farmácia.

O Juan Antonio fazia física e o Jorge Rafael engenharia na Escola Politécnica. Quando houve a invasão do CRUSP o Jorge Rafael foi levado e o Juan Antonio ficou sabendo cerca de dois dias depois e foi à procura do irmão, já numa clara ingenuidade, porque todo mundo sabe que quem tinha de fato militância política jamais ia parar num quartel procurando o irmão ou qualquer outra pessoa.

Quando eu estava fazendo a apuração descobri que na época os peruanos, bolivianos, todos os estudantes de países outros eram separados, eram levados para o II Exército do Ibirapuera, não iam para o DOPS, para o DOI-CODI, para esses lugares. E foi o caso deles, parece que por conta da morte de Che Guevara, enfim, estava uma perseguição muito maior aos bolivianos, só que esses dois, especificamente, embora tivessem muitos colegas com militância, não tinham qualquer envolvimento político e isso, no decorrer da apuração ficou mais do que claro, a família nunca tinha tido envolvimento político nem na Bolívia e nem aqui.

Eles ficaram desaparecidos por vários dias, os pais foram procurando por vários locais até encontrarem, obviamente os militares se recusaram a liberá-los e no caso do Juan Antonio logo a princípio a D. Olga, mãe, começou a perceber que as torturas estavam causando algo muito pior do que ao irmão, porque por ele ser hemofílico uma sensibilidade muito maior, ele teve a perna ortopédica retirada nas sessões de tortura, eles sofreram inclusive violência sexual. Isso consta no relatório, a mãe, em depoimento contou isso tudo, tudo que a gente sabe, as torturas, os órgãos genitais queimados com cigarro.

A mãe conseguiu, junto ao Cônsul, que Juan Antonio fosse transferido para o Hospital das Clínicas, ele foi, mas rapidinho deram um jeito de levá-lo de volta, e nem enquanto ele esteve no hospital ele deixou de sofrer torturas psicológicas, inclusive com ameaça de desaparecer com os pais deles. Então foi o tempo todo.

A D. Olga segurou uma bronca danada, porque o tempo inteiro eles mudavam de lugar sem que ninguém fosse avisado, eles não conseguiam mais encontrar os filhos. Foi uma luta de muito tempo.

Isso aconteceu um pouquinho antes das férias do final do ano de 68 e eles foram liberados, o Juan Antonio foi até liberado antes do Jorge Rafael, porque ele já estava completamente sem condições, completamente fisicamente e psicologicamente

destruído. Mas nunca conseguiu se recuperar e o Jorge Rafael sofreu um acidente de carro. Depois de já ter conseguido se formar, ele estava trabalhando no Sul, sofreu um acidente de carro e morreu, com a mulher grávida da filha que ele não viu nascer e até então ele até acreditava que as torturas haviam provocado esterilidade por choques elétricos na região genital.

Juan Antonio, na terceira tentativa de suicídio conseguiu, porque até então tinha conseguido cortar os pulsos com a navalha usada pelo enfermeiro para fazer a barba dele, já tinha tentado se matar com comprimidos. E como não havia conseguido voltar às aulas, não conseguir se recuperar os pais o levaram para a Espanha, num hospital em Madri, onde ele ficou durante um tempo, mas muito mal e num momento em que a mãe estava na sala de visitantes e ele ficou sozinho desligou todos os aparelhos que o mantinha vivo.

Em 2005 a D. Olga entrou com processo, conseguiu ser indenizada pela morte do Juan Antonio, não pela do Jorge Rafael, já que ele sofreu acidente e morreu, não teve a ligação direta.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eu acompanhei aquela cerimônia da família, mas eu acho que, a não ser que você queria acrescentar, esse material está todo digitalizado, além do memorial? Essa é a Revista Adusp?

A SRA. LUIZA SANÇÃO – Isso, na época foi matéria de capa, se quiser passar para as pessoas darem uma olhada na matéria. Aqui eu tenho o material todo da minha apuração, tenho o relatório da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, ao qual a D. Olga e o Antonio Carrasco Bustillo prestaram depoimento, todas as informações que eu consegui, oficiais e extra-oficiais.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você falou mais do período da morte deles. Fala um pouco do período da vida deles, quem foram eles, o que significou essa família. O que você puder se lembrar e falar de como eles vieram aqui para o Brasil, como se matricularam na universidade, quem eram eles. Fala um

pouquinho da trajetória deles, já que é comprovado que eles não tinham nenhum envolvimento político, foi totalmente acidental e gerou toda essa desgraça. Queria que você pudesse contextualizar isso.

A SRA. LUIZA SANÇÃO – Os dois vieram para o Brasil nesse contexto, o principal motivo da vinda para o Brasil foi a hemofilia do Juan Antonio. Mas eles haviam se formado já na Bolívia o segundo grau, vieram para fazer faculdade, os pais acompanharam e a irmã permaneceu na Bolívia, veio mais tarde.

Hoje ela é a única pessoa viva da família, D. Olga viveu até 2011 e o Antonio Bustilho morreu em 2001. Então, a única pessoa que pode me passar, de fato, informações sobre como eles eram foi a irmã Tereza e alguns colega da época de faculdade. Por sinal é importante ressaltar que ninguém, nenhum desses colegas que eu entrevistei para a matéria sabiam o que tinha acontecido com os dois e todos ficaram surpresos com exatamente pelo fato de que eles não tinham nenhuma ligação com militância alguma, eram dois rapazes bastante reclusos até, pelo que me foi passado, pessoas humanamente maravilhosas, generosas, sensíveis, pessoas realmente que tinham bons amigos, pessoas queridas, mas que não participavam, inclusive dois intelectuais, rapazes, eles tinham acesso a tudo, eles conheciam o que estava acontecendo, mas eles não tinham nenhum envolvimento mesmo.

Realmente, o mais espantoso foi o fato de que as pessoas próximas não tinham tomado conhecimento disso. Lembro da Cacilda, conhecida como Sissi, que era muito próxima deles, e próxima digo, porque foi a única pessoa que teve uma relação de conhecer a família, ir à casa deles, fazer uma refeição com os pais deles. E ela ressaltou que a família era incrivelmente generosa, receptiva, enfim, que ela se sentia muito bem entre eles e ficou muito assustada, porque ela disse que o que chegou ao ouvido de todo mundo é que eles tinham morrido de outra forma. O Juan Antonio acho que eles não tinham nem tomado conhecimento, na época a própria mãe, D. Olga, escondeu que ele havia se suicidado, falou para todo mundo que ele tinha sido atropelado lá em Madri e até para a própria filha ela manteve isso, ela só foi contar isso para a Tereza, que deve ter feito agora 72, foi contar isso não muito tempo antes de morrer, isso ficou guardado, porque era uma família muito fechada, acho que eles não compartilharam esse drama com ninguém. Tanto é que a amiga da família que prestou depoimento só duas pessoas,

essa que ele citou, a Sra. Maria de Lourdes Lírio de Moura, que não encontrei, já faleceu; e a Sra. Mary Deheza Balderrama, foram as duas únicas pessoas a prestarem depoimento, porque na época não houve ninguém, não teve nenhum colega de faculdade que acompanhou, ninguém soube, eles sumiram e permaneceram sumidos.

Jorge Rafael, depois que voltou, segundo depoimento da mãe, ele não falava sobre as torturas sofridas em hipótese alguma, não falava e ela atribuía isso às ameaças sofridas durante o período que ele estava preso. O Juan Antonio só falava do que ele tinha passado nos momentos em que ele tinha delírios no hospital ou em casa. Ele nunca conseguiu mesmo se recuperar em nenhum momento.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixe-me entender um pouco melhor. Essa casualidade ou esse erro, de onde teria vindo a denúncia contra eles, da Reitoria, da Universidade?

A SRA. LUIZA SANÇÃO – Não houve denúncia. Na verdade aconteceu que na invasão de 17 de dezembro, do CRUSP, foi muita gente levada, muitas dessas pessoas foram soltas sem sofrer tortura, inclusive até tem depoimentos também aqui de pessoas que foram primeiras presas sem tortura e depois, por exemplo, quando presas novamente, aí sim sofreram torturas. Mas nessa prisão foi tanta gente, nessa invasão, e foi gente que estava ligada à militância e também quem não estava, e no caso simplesmente pelo fato de estarem no CRUSP, e o CRUSP ser visto como um local onde a militância era forte, de fato era. Mas muita gente ali não estava envolvida com isso, foi o caso do Jorge Rafael e o Juan Antonio, na verdade, nem procurado tinha sido, ele só foi procurar o irmão quando tomou conhecimento, segundo a irmã dois dias depois da prisão do irmão, não havia denúncia.

O mais cruel disso tudo é que sob tortura terrível como eles viveram, obviamente eles teriam dito qualquer coisa. E tanto tempo sendo torturados, era muito nítido, e a família falou muito, e a irmã, e nas anotações que a mãe deixou, independente do depoimento para a Comissão, a mãe tinha escrito muito, uma espécie de diário, coisas dela, pessoais, que estão hoje com essa única filha viva, em que ela fala

muito do Coronel Albim, que na verdade é o Coronel Alvim, Sebastião Alvim, que também não consegui encontrar.

A gente chegou a constatar a morte dele, eu peguei uma lista de possíveis “Sebastiões Alvim”, na época, e eu não consegui, porque ninguém sabia dar informação.

O SR. – Esse torturador, Sebastião Alvim, é um dos principais envolvidos no navio prisão Raul Soares. O navio prisão era administrado pela Marinha e pelo Exército, e tudo indica que ele era o principal Oficial do Exército. Nós publicamos também uma matéria sobre o Raul Soares e o nosso repórter constatou que ele está vivo ainda e doente, solicitou uma pensão, um tipo de benefício pela doença dele, que ele está com algum tipo de enfermidade. Mas ele então aparece como um repressor tanto nesse caso quanto no caso do navio prisão.

Se me permitem um acréscimo, que a Luiza falou, uma das coisas mais incríveis, a mim pelo menos me pareceu, é que as torturas começaram no quartel general do II Exército, ou seja, aqui do lado, no Quartel General do II Exército do Ibirapuera. Quer dizer, aquela alegação surrada de que a tortura era coisa do fim de linha, o comando não tinha responsabilidade, a tortura era praticada no próprio quartel general. Então isso acaba com essa alegação.

A SRA. LUIZA SANÇÃO – Inclusive, complementando, a própria D. Olga, ela falou no relatório o seguinte: que quando o Juan Antonio chegou para buscar o Jorge Rafael ele foi preso no mesmo momento sob alegação simplesmente de que vivia no CRUSP, ser aluno da USP era o argumento que eles usavam simplesmente para mantê-los presos lá.

E eles fizeram coisas terríveis com os próprios pais mesmo, nem era só enrolá-los e não dá informações sobre os filhos, eles chegaram a dizer para D. Olga que o papel deles era o sobrenome dela, era o de carrasco, e ele se colocou nessa posição declaradamente, ou seja, esse torturador era....

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O pessoal da Adusp trouxe algumas revistas pelo menos para vocês de Caraguatatuba levar para a professora.

O pessoal do CRUSP, essa história dos irmãos vocês tinham já documentado no pessoal do CRUSP? Essa história já tinha sido assimilada? O Teco é de uma organização que organiza toda a memória do CRUSP.

O SR. WALTER DA SILVA – A Luiza entrou em contato conosco um tempo atrás que ela estava fazendo uma pesquisa sobre o Juan e o Rafael. E até nos reunimos lá no barzinho na Vila Madalena, estava o Gonçalo Peruano, a Sissi, o Mozart, realmente os dois bolivianos não tinham envolvimento nenhum, um deles usava muleta inclusive. Realmente não tinham nenhum envolvimento. Lá tinham muitos latinos americanos, alguns se envolveram, outros não. Mas o fato é que nós fomos 700 presos nesse dia 17 de dezembro e aquela época não tinha computador, então para estar verificando ficha acabaram soltando muitos que estavam envolvidos, inclusive, e por triagem talvez seguraram alguns e aconteceu isso aí com o Juan. Mas realmente eles não tiveram participação política nenhuma, eram bons meninos.

A SRA. LUIZA SANÇÃO – Acho que isso tem a ver com aquilo, o Gonçalo Castro estava com a gente nesse dia, que foi a conversa que eu tive com eles, peruano, e ele falou sobre essa questão, ele vincula o fato de que os bolivianos, os peruanos eram separados dos demais estudantes, ele vincula isso à questão da morte do Che Guevara, na Bolívia, tinha pouco tempo na época e realmente o preconceito, eles iam parar no II Exército enquanto os outros eram levados para o DOPS e muitos liberados, como foi o caso do Mozart, militante e foi solto sem tortura.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você não tem mais nenhuma questão para acrescentar nesse caso, podemos encerrar, não é? (Pausa.)

A SRA. LUIZA SANÇÃO – No IPM do CRUSP, que foi todo escrito, foi o Coronel Alvim o responsável pelo IPM do CRUSP, eu tenho aqui inclusive, os nomes do Juan Antonio e do Jorge Rafael não são sequer citados, os nomes deles não aparecem nem entre os estrangeiros que moravam no CRUSP, é o IPM da invasão do CRUSP, 68 e 69, não consta os dois.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Nós temos esse IPM, vocês querem ter acesso?

A SRA. LUIZA SANÇÃO – Isso existe disponível na Internet.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas é que é tanto documento, se você depois puder acertar com o Renan para a gente ter acesso.

A SRA. LUIZA SANÇÃO – Claro.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos começar o caso Benetazzo. Vamos ler o memorial do Benetazzo então.

Obrigado, Luiza.

A SRA. LUIZA SANÇÃO – Obrigada vocês.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Se houver mais revistas dessas que vocês dispõem em arquivo para distribuir.

Renan, você faz a leitura.

O SR. RENAN QUINALHA – Vou ler o Memorial de Antonio Benetazzo, que foi assassinado em 30 de outubro de 1972.

Dados biográficos. Nasceu em 1º de novembro de 1941, em Verona, na Itália, filho de Pietro Benetazzo e Giulieta Squazordo Benetazzo, morto em 30 de outubro de 1972, dirigente do Movimento de Libertação Popular - MOLIPO.

Mudou-se para o Brasil em 50 quando tinha nove anos. Em 62 ingressou no PCB, integrando-se ao setor estudantil, tendo destacada atuação nos movimentos culturais e políticos, principalmente naqueles promovidos pelo Centro Popular de Cultura – CPC, da UNE.

Estudava arquitetura e filosofia na USP. Foi presidente do Centro Acadêmico do curso de filosofia e professor de história e educação artística.

Como professor de cursos de preparação de vestibulares universitários, em especial cursinho universitário, Benetazzo procurou transmitir uma visão crítica da história e da realidade.

Em junho de 65 fez parte da greve das panelas, também chamada de greve do fogão contra o aumento do preço das refeições servidas aos estudantes no restaurante do CRUSP e a favor de melhorias na alimentação.

Em 67 desligou-se do PCB passando a militar na DISP, Dissidência Estudantil do PCB São Paulo e em 69 ingressou na ALN.

Participou da preparação do 30º Congresso da UNE em Ibiúna em outubro de 68. Em julho de 69 deixou a universidade e as escolas em que lecionava e passou a viver na clandestinidade. Além da política, Benetazzo também se dedicava às artes, como à pintura e à fotografia.

Era conhecido como Benê e foi um dos criadores do “O Amanhã”, um dos primeiros jornais alternativos que surgiu durante a ditadura e um dos precursores da imprensa nanica.

Atuava na área cultural em diversas atividades. Participou como ator do filme Menina Moça, de Francisco Ramalho Júnior, gravado em super oito.

Foi cenógrafo de Anuska, manequim e mulher, de 68, do mesmo diretor, tendo no elenco Francisco Cuoco, Jairo Arco e Flexa, Ruthinéia de Moraes e Marília Branco.

Fez também a capa do primeiro livro de Mário Prata, o Morto que morreu de rir, publicado em 69.

Viajou para Cuba onde realizou treinamento de guerrilha e voltou ao Brasil, clandestinamente, em 71, integrado ao MOLIPO, sendo redator do jornal Imprensa Popular, órgão oficial da organização e membro de sua direção.

Dados sobre sua prisão e morte. Foi preso em 28 de outubro de 72 ao entrar na casa do operário e militante político Rubens Carlos Costa, na Vila Carrão, em São Paulo e levado ao DOI-CODI/SP, lá permaneceu por dois dias sendo torturado até a morte.

Foram publicadas diversas versões oficiais para sua morte na imprensa. Em o “Diário da Noite” de 02 de novembro de 72 temos: “Os órgãos responsáveis pela segurança interna conseguiram localizar no último sábado um aparelho terrorista pertencente ao MOLIPO – Movimento de Libertação Popular, prendendo o subversivo Antonio Benetazzo. Durante o interrogatório Benetazzo indicou que teria um encontro com um companheiro de sua organização na segunda-feira seguinte, dia 30, às 14:00h, na Rua João Boemer, no Brás.

Na hora aprazada compareceram ao local o terrorista preso e os agentes de segurança, oportunidade em que Benetazzo, conseguindo se desvencilhar das autoridades, tentou empreender uma fuga atravessando em desabalada carreira a Rua João Boemer. Foi colhido pelas rodas de um caminhão marca Scania Vabis, que não conseguiu frear a tempo. Caiu mortalmente ferido falecendo a caminho do pronto socorro.

Ainda durante o interrogatório a que foi submetido Benetazzo forneceu às autoridades o endereço de outro membro do MOLIPO, perto das 20:00h da última segunda-feira os agentes perceberam que dois homens entraram na casa tendo sido perseguidos pelas autoridades. Houve violenta troca de tiros e um dos terroristas caiu morto, mais tarde identificado como João Carlos Cavalcante Reis, enquanto que o segundo, ferido na perna, conseguiu fugir”.

Em 03 de novembro o Jornal Estado de São Paulo afirmou: “Antonio Benetazzo, quando preso, forneceu endereço de um simpatizante do MOLIPO que morava no bairro de Vila Carrão”. Isto é, o endereço onde o próprio havia sido preso em 28 de outubro.

Como outras vítimas da repressão política em São Paulo foi enterrado como indigente no Cemitério Dom Bosco, de Perus, no dia 31, dois dias antes da divulgação da sua morte na imprensa.

Seus restos mortais foram trasladados mais tarde por seus familiares. Os legistas Isaac Abramovitch e Orlando J. Brandão assinaram o laudo necroscópico confirmando a versão de morte por atropelamento.

Em documento encontrado nos arquivos do antigo DOPS/ São Paulo, marcado como secreto lê-se: “Ao cobrir um ponto atirou-se sobre as rodas de um caminhão na Rua João Boemer”.

No relatório para instruir o inquérito n. 6 de 73 sobre o MOLIPO, à pág. 3, no item das provas, há confirmação da prisão de Benetazzo e seu suposto suicídio quando se refere “a declarações de Nelson Aparecido Francisquini, motorista do caminhão que atropelou Antonio Benetazzo quando este se atirou debaixo do mesmo”.

Na época em que ocorreu a morte de Benetazzo, familiares e amigos fizeram uma investigação sobre os fatos relatados pela imprensa, constatando então a inexistência de qualquer acidente no dia, hora e lugar do suposto atropelamento a que se refere a versão oficial dos órgãos de segurança responsáveis pelo assassinato.

Os relatórios dos Ministérios da Marinha e a Aeronáutica encaminhados ao Ministro da Justiça Maurício Correia, em 93, confirmam a falsa versão de morte por atropelamento e o relatório do Exército, em cujas dependências Benetazzo foi morto, afirma não ter registros a respeito de seu destino.

Benetazzo a prisão decretada em 16 de janeiro de 73 pela 2ª Auditoria pouco depois de morto. A pedido da Comissão de Familiares legistas fizeram observações sobre o laudo de necropsia sobre Antônio Benetazzo na segunda metade da década de 90, após a votação do seu caso na Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos para instruir os processos disciplinares contra legistas acusados de falsificar

laudos de dissidentes assassinados durante a ditadura no Conselho Regional de Medicina de São Paulo.

O médico Antenor Chicarino afirmou ter a impressão de que o laudo foi feito por um leigo, pois não usa nomenclatura técnica adequada, não descreve o ferimento externo ou lesão que certamente existiria na região da fratura da abóbada craniana. Menciona como causa mortis choque traumático por poli traumatismo, mas a descrição indica traumatismo crânio encefálico.

O médico Dom Levis afirmou também que as fraturas do lado direito do crânio teriam que necessariamente que deformar a fisionomia da vítima, o que não foi registrado. Para produzir as lesões cranianas sem afetar o rosto, o pescoço e o tronco as mesmas teriam que ser produzidas perpendicularmente no lado direito do crânio, o que não condiz sobre a versão de atropelamento. Se o esmagamento do crânio se deu como resultado da compressão dos pneus pelo veículo contra o solo, por que não foram detectadas marcas de pneus no corpo?

Não faz referência a estragos ou sujeira nas roupas. Examinando a foto encontrado no arquivo do DOPS/São Paulo não constatou nenhuma escoriação no rosto e, além disso, o laudo não descreve hematoma na região superior da pálpebra direita, nem o inchaço do lado direito da mandíbula resultantes do ferimento à bala existente na orelha direita. Isto sugere que não se trata de atropelamento e sim de ferimento por arma de fogo disparada encostada ao crânio.

Providências posteriores. Na Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos o seu caso n. 261, de 96, foi aprovado por unanimidade em 14 de maio de 96, tendo como Relator o General Osvaldo Pereira Gomes, considerando sua prisão e o suposto suicídio condições enquadradas nas exigências da Lei 9.140 de 95.

Nilmário Miranda e Suzana Lisboa fizeram constar em ata a certeza de que Antônio Benetazzo fora preso e morto sob torturas, sendo falsa a versão oficial de suicídio.

Em sua homenagem a cidade de São Paulo deu o seu nome a uma praça localizada atrás do Museu de Arte de São Paulo.

Essas informações são do dossiê Mortos e Desaparecidos da Comissão de Familiares de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Cida Horta.

A SRA. CIDA HORTA – No caso todo esse relatório trata, detalhadamente, da morte do Benê, que são dados a serem comprovados. Há outras versões que correm por aí sobre a morte, que teria sido assassinado num sítio, não sei aonde. Então, de fato, nós não temos, até hoje, detectado quem foram os responsáveis pela morte de Antonio Benetazzo, como ele foi morto e onde ele foi morto.

Essas são acho que hipóteses que foram colocadas aqui a serem comprovadas, acho que são precisos de mais dados para que realmente seja feita essa conclusão sobre como ele foi morto.

Quando eu vim hoje aqui prestar esse depoimento eu de fato não sabia bem o que nós íamos falar. Eu achei que nesse momento a Comissão da Verdade estaria bastante preocupada em conhecer o que nós podemos aportar como contribuição para esclarecer como Benetazzo foi assassinado e onde foi assassinado.

E de fato eu fui companheira de Benetazzo no último ano de sua vida, militamos juntos. O que eu sei sobre a morte dele é que eu tinha um ponto com ele, no dia 29 de outubro de 1972 e nesse ponto ele ia me trazer material porque eu ia para Cuba. Ele tinha me dito que ele ia até a casa do operário, porque precisava resolver o problema da minha identidade para poder sair do país.

E nesse dia 29, que foi um domingo, ele não apareceu no ponto e eu fiquei sabendo que ele também tinha falhado num ponto com Fernando Casadei.

Mas de qualquer maneira, no dia seguinte, que foi uma segunda-feira, dia 30, a gente tinha um ponto de referência lá na Zona Norte, no Tucuruvi, por ali. A gente tinha um ponto de referência, que quando um militante faltava um ponto você tinha um ponto subsequente que a gente chamava ponto de referência. E ele também não apareceu no ponto de referência. Então praticamente a gente teve certeza de que ele havia caído de

alguma forma, mas não sabíamos como e nem onde. Durante muito tempo a gente ficou sem saber quase nada da queda do Benê.

Eu fui exilada, na volta do exilo, em 1979, o companheiro Clovis, que vocês devem conhecer, ele disse que quem podia esclarecer sobre a morte do Benê era um operário Rubens Carlos. Durante algum tempo o Clóvis ficou de conseguir o contato com o Rubens, mas acabou passando o tempo e a gente não teve esse contato. Mas há essa informação de que ele realmente caiu ao ir até a casa do operário. Parece que o Rubens tentou chamar atenção dele para que não chegasse até a casa botando fogo na própria casa, e ele se queimou. Acho que ele ficou muito traumatizado com tudo isso e eu não conheço nenhum depoimento dele minucioso de como foi a queda do Benê.

A gente tem absoluta certeza de que ele foi assassinado na tortura, uma tortura feroz e dia 30 acho que realmente foi o dia em que ele foi assassinado.

E tem uma coisa muito pessoal que eu sonhei nesse dia, que estavam me cravando um prego na cabeça. (Emociona-se neste momento.) E sei lá.

Agora, falar sobre o Benê é um mundo, é um mundo de coisas. Eu não sei o que eu poderia falar sobre o Benê que todo mundo aqui já não saiba. É que a gente não está falando só para o mundo aqui, para o mundo lá fora também, para a história. (Emociona-se novamente.)

Então acho que vários companheiros que tem aqui vão falar também dele. Eu vou falar alguma coisa que eu acho que é uma coisa que eu vivenciei, e acho que os outros vão falar de outros aspectos.

Como a gente foi companheiro militante nesse último ano de vida dele eu quero falar um pouco como é que era essa militância nesse último ano, de novembro de 71 a outubro de 72.

Eu acho que o grande projeto do MOLIPO nesse ano foi o Jornal Imprensa Popular, eu até trouxe aqui um que restou comigo, tem outros por aí, que demandava muito tempo da gente, o Benê praticamente era o principal redator do trabalho, não só redator, ele também que deu esse formato no jornal, todo o desenho. Isso aqui era feito em mimeógrafo à álcool. Eu era professora, eu tinha um mimeógrafo à álcool. Então a gente imprimia o Imprensa Popular nesse mimeógrafo a álcool e tinha toda uma rede de

distribuição desse jornal. E o lema do jornal era: Contra mentira reacionária, a verdade revolucionária. Então pretendia ser um jornal mais voltado para classe média, que discutisse a questão da ditadura, a repressão.

Esse, por exemplo, é um jornal inteirinho, é uma análise do movimento popular nos últimos anos, é um trabalho de fôlego sobre o movimento popular que era distribuído.

Em plena ditadura a gente punha isso aqui no Correio, a gente dobrava bonitinho como se fosse um impresso, conseguia as filipetas, ia lá e despachava os jornais.

Nós conseguíamos os endereços para onde enviar pelo Diário Oficial, lista de escolha de professores, a gente ia lá onde saía, qual professor tinha escolhido qual escola e mandava para aquele professor, para aquela escola, deixa nos banheiros das faculdades. Então tinha essa preocupação bastante grande com a questão política de fazer com que a ideia da revolução fosse abraçada pela maior parte da população. E a ideia era assim, que o trabalhador tinha de se organizar. A ideia era esse trabalho político de estar indo nos ônibus, botando selinho: Organiza-te para a luta, distribuir panfleto em passagem de trem. Acho que essa parte, que fica só a questão das ações armadas, mas tinha um trabalho político muito grande que nós fizemos durante esse ano de 72.

O Adriano está pedindo para ler um trecho aqui. Introdução: É bom que se tenha sempre presente a evolução das lutas populares em nosso país, inclusive porque veremos que muitas coisas, apesar de parecerem, não são novidades. Em nossa história dois fatos nos chamam atenção, o primeiro as classes dominantes imprimindo seus objetivos e interesses ao movimento popular ou a setores importantes dele, ou seja, procurando que o movimento popular tome como reivindicação e projeto objetivos que elas chamam de nacionais, mas que de fato são de classe.

O segundo fato. A facilidade que dentro do movimento popular os objetivos e formas de organização e luta se fragmentam de acordo com os interesses e consciência das diferentes classes e setores, não se conseguindo uma unidade nem programática nem orgânica.

Voltaremos a este assunto com exemplos, antes, no entanto, gostaríamos de mostrar que há uma unidade histórica no desenvolvimento das lutas populares no

decorrer destes últimos 150 anos. E depois vai contando a história do movimento popular.

A data é de 72, não sei de que mês. Isso aqui não era um número ordinário do Imprensa Popular, era um número especial, que além dos números ordinários tinha os números especiais, eram com temas mais aprofundados.

Mas eu prometo que vou pesquisar e a gente vai descobrir de quando é. Pode ser que no decorrer do documento a gente consiga achar, é de 1972, entre abril e setembro de 72.

Acho que em todo esse trabalho, o Benê era uma pessoa totalmente entusiasmada com todas as propostas, com todas as ações, por menor que elas fossem. Era uma pessoa que via em cada militante uma possibilidade de contribuição para a revolução. Dizia: Cada um contribui para a revolução com aquilo que tem, com aquilo que pode. Então não era alguém que desprezasse um militante porque ele não pegava em armas para fazer uma ação, ele achava que cada um tinha o seu papel na revolução. Ele era muito afetuoso com todo mundo e realmente ele tinha esse papel de liderança que juntava, que agregava as pessoas em torno dele. Ele tinha muita luz. Não sei como dizer do Benê, acho que ele tinha muita luz, ele iluminava.

Tinha muita preocupação de que a gente estudasse para que fosse um bom revolucionário tinha que conhecer história. Então ele sempre vivia indicando livros, indicando materiais que eram importantes conhecer.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você diz que ia até pegar um documento para ir embora para Cuba. E você consegue sair do país apesar da queda dele?

A SRA. CIDA HORTA – Depois. Eu saí do país na véspera do Natal de 72.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então deu um intervalo maior. Você foi para Cuba?

A SRA. CIDA HORTA – Eu fui para o Chile.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Então faz a cronologia da queda dele até sua saída.

A SRA. CIDA HORTA – Depois que houve a queda do Benê a gente ficou discutindo na organização se eu ia sair ainda, se não ia sair, porque todo material que ele tinha preparada para eu levar, era um coleção de Imprensa Popular, então ficou muito complicado da gente levar, não tinha o contato lá em Cuba, como ia fazer. Mas a gente acabou indo, com a ajuda dos companheiros a gente fez um novo documento, porque o que tinha sido feito para mim caiu junto com o Benê, então a gente teve que fazer outro documento, demorou um pouquinho para a gente conseguir. E eu saí pelo Paraguai, saí por Foz do Iguaçu.

É interessante, tem uns acontecimentos estranhos. Eu fui junto com uma companheira que até hoje eu tenho vontade de saber o nome dela, recuperar, mas eu nunca mais a vi, não sei o nome dela. E nós ficamos preocupadas, porque a gente tinha que pedir o visto, não era igual hoje que você atravessa na ponte, tinha de pedir o visto com uma carteira de identidade falsa, sei lá o que ia acontecer. Daí eu fui lá, pedi o meu visto e tinha de voltar daí uma hora que em uma hora ficava pronto. Depois de uma hora fui lá, peguei, meu visto estava pronto. Daí eu voltei e falei para ela: Agora é sua vez. Ela foi, deixou lá, tinha de voltar uma hora depois, a gente tinha combinado de não irmos as duas juntas para Assunção, quem pegasse o visto primeiro ia e esperava lá na Rodoviária. E fico eu esperando a menina na rodoviária lá um dia inteiro quase e ela não apareceu. Posteriormente eu fiquei sabendo que ela saiu com documento bonitinho, feito na polícia, só que o cara que lê as digitais tinha lido errado, então seguraram ela. Daí o pai teve de ir lá até a fronteira para resgatá-la, ela não tinha nem uma acusação pesada, mas descobriram que a identidade tinha sido falha da política. Então eu com uma identidade falsa numa boa e a outra que tirou a identidade onde devia não conseguiu sair.

Eu fui para o Chile, Assunção, Santa Fé, Córdoba, Santiago, em Santiago eu fiquei uns dois, três meses, já a situação do Chile estava bem difícil, já era véspera do golpe lá e estava tudo faltando, alimentação, transporte, uma situação bem difícil. E eu na Embaixada para provar que eu ia para Cuba a pedido do MOLIPO foi muito difícil. E lá em Cuba estava o companheiro Takau Amano, eu conhecia muito o Takau, porque ele foi companheiro do meu irmão, do Celso, de cadeia e eu falei: O Takau me conhece, manda foto para ele que ele vai saber quem sou eu. O Takau não me reconheceu, daí a situação ficou difícil. Daí os cubanos, por motivos humanitários, eu já estava com sete meses de gravidez, me deixaram entrar em Cuba.

Em Cuba eu fiquei três meses sem ver nenhum brasileiro, a primeira pessoa que eu vi em Cuba depois que tive neném foi a Izaura Coqueiro. Mas muito tempo depois, até falei com a Rose agora pouco, a minha filha mexendo num porta-documentos que eu tinha ela rasgou o porta-documentos e ali dentro tinha uma carta do Benê para os cubanos e tinha um esparadrapo também que eu fui usando, chegou num determinado tinha uma senha dentro do esparadrapo que também era para entregar para os cubanos. Quer dizer, eu sofri tanto para entrar em Cuba, mas estava tudo ali nos documentos que ele pôs na mala para mim. Ele era muito meticoloso, sabia muito bem fazer essas coisas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E o Rubens?

A SRA. CIDA HORTA – Ele faleceu. Eu acho que tem companheiros que têm condições de dar um testemunho sobre a passagem ou não do Benê pelo DOPS ou pela Oban.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Amelinha, você poderia falar um pouco do Rubens?

A SRA. AMELINHA TELEZ – Sou Assessora da Comissão da Verdade e fui presa política também. E no caso eu fui transferida da Operação Bandeirantes para o DOPS em fevereiro de 1973.

Eu já sabia do assassinado do Antonio Benetazzo quando ainda estava na clandestinidade, em liberdade, porque apesar de ser de outra organização a gente comentava as mortes, os assassinados das várias organizações políticas da época, mas não conheci o Benetazzo.

Quando foi em fevereiro de 1973 em fui transferida para o DOPS e fiquei na cela 3, eu fiquei muito tempo lá no DOPS, e quase sempre sozinha, porque eu era a única mulher, tinha duas mulheres lá, uma ficava na sela 5, depois foi liberada e eu fui ficando na cela 3. E o Rubens, esse que você falou, o operário, metalúrgico de São Bernardo. Quer dizer, ele era da Vila Carrão, depois que ele foi para São Bernardo, ele ficou na cela 4, ele ficou com Ivan Seixas, com o Joel Rufino, eram dois companheiros mais frequentes da cela 4.

De vez em quando eu saía no pátio, pátio, aquele corredor ali do DOPS para tomar sol e tive oportunidade de conversar um pouco com o Rubens, o Rubens ficou também bastante tempo no DOPS, porque ele estava muito queimado, o corpo dele era todo queimado, às vezes nem podia pôr roupa, ele ficava com um pano cobrindo o corpo para não encostar na pele. E eu fiquei curiosa para saber como ele tinha se queimado tanto e ele me contou.

A história é a seguinte. Ele foi preso, foi torturado e eles queriam saber do Benetazzo e ele disse que o Benetazzo ia na casa dele, Rubens, então eles foram com Rubens até a casa do Rubens na Vila Carrão. Chegando lá os policiais ficaram em campana. Parece que tem uma história que o Benetazzo, antes de entrar, parece que ele assoviava, fazia alguma coisa assim para comunicar que ele estava chegando. E quando ele fez isso o Rubens botou fogo no botijão de gás e aquele botijão estourou em cima dele, por isso que ele era todo queimado assim, que era uma forma de ver que ele não deveria entrar na casa, aquele fogaréu todo era para o Benetazzo não entrar na casa.

Acontece que é claro que a operação Bandeirantes tinha gente dentro da casa e fora, o cerco é muito maior do que a gente imagina, e o Benetazzo foi preso. Essa parte

o Rubens tem certeza que ele foi preso. E provavelmente foi morto sob torturas, como vários deles contaram suicídio e morto em tiroteio e tal.

Numa das vezes que me levaram para cima, lá no DOPS, para aquelas salas de cima, para aquele cartório que era para responder algum coisa que eu não lembro, eu me lembro só que dentro da sala tinha uma mala de livro escrito Antonio Benetazzo, essa mala, na hora que eu estava lá um investigador levantou a tampa da mala e tinha livros de Lenin. Eu me lembro disso. Agora, nem eu, eu acho que o Rubens tinha impressão que o Benetazzo foi para Oban, não para o DOPS. Mas essa parte eu já não sei, eu só sei dessa parte que ele me contou.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Cida, eu queria te fazer uma pergunta, eu tenho recebido várias sessões do MOLIPO, o pessoal esteve aqui, o Arthur Scavone, o André Tetsuo, eu também vivi um pouco essa época, mas o Benetazzo ficou um tempo em Cuba, voltou para cá organizado, eles foram pela ALN e voltaram pelo MOLIPO. Como que uma pessoa, não só ele, mas estamos falando dele aqui, com todas essas características, essas particularidades do Benetazzo, ele volta para o Brasil, eles voltaram, além de praticamente todos condenados à morte, já vieram numa situação precaríssima de sobrevivência, de organização, e você ainda fala que apesar de toda essa precariedade eles conseguiram escrever todas esse boletins, inclusive com essa análise política. Você poderia falar um pouquinho sobre essa período? Porque você pega justamente esse último período, esse ultimo ano. Você lembra quantos boletins estava levando para Cuba, quantos números?

A SRA. CIDA HORTA – Era um de cada um, uns seis números, era um por mês. Eu tenho esses números, posso passar para vocês.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É bom.

Fala um pouquinho do período da volta dele de Cuba, desse período de um ano de convivência para a gente sair um pouco dessa coisa da morte, da queda.

A SRA. CIDA HORTA – Foi por isso que eu falei da vida, da Imprensa Popular, do que a gente fazia.

De fato foi um ano muito difícil, com muitas perdas de companheiros, muito trágicas. E a gente tinha uma coisa que: temos de continuar, vamos continuando, vamos fazendo o que dá para fazer, vamos trabalhando. Realmente, ninguém sabia se no dia seguinte ia estar vivo ou não. Isso, quem viveu aquele período sabe que era assim. E a gente trabalhava, fazia o que tinha que fazer e as mortes vinham.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vocês moraram juntos?

A SRA. CIDA HORTA – Não, não chegamos a morar juntos, mas o Benê vinha sempre a minha casa.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ele morava aonde?

A SRA. CIDA HORTA – Eu fiquei sabendo onde ele morava durante um tempo, porque quando eu clandestina eu precisei de um lugar para ficar e no primeiro dia ele me levou para o lugar onde ele estava morando, que era lá na Zona Norte, até a Rose disse que recentemente esteve lá e está do jeitinho que estava antes. É uma ruazinha com casas dos dois lados e a casinha dele era lá no fundo, se é que pode chamar casa, era um cômodo, uma cozinha com um banheiro e um quartinho muito pequeno, um lugar muito pobre e ele passava por operário ali naquele lugar. Então ele saía bem cedo de casa e voltava bem tarde. E isso incomodava muito, porque os cachorros da vizinhança sempre que ele chegava anunciavam, sempre que ele saía anunciavam. Então ele mudou todo o jeito dele, cabelo e tudo para passar por operário, mas de fato não passava, não dava muito jeito. Mas chegava ali de noite, ele tinha uma sopinha Maggi, ele esquentava a sopinha Maggi, botava a camisa no balde para lavar, depois pendurava no varal que ele improvisou. É uma vida bem pobre e com o tempo

todo frequentava bastante minha casa, porque ele escrevia muito lá, ele escrevi à mão e eu datilografava, depois passava no mimeógrafo. E eu sei que ele frequentava outros lugares também, outras casas de outros companheiros, mas eu não sei, era tudo clandestino, eu não sei, até hoje é um segredo para nós.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Tem a palavra o Alípio.

O SR. ALÍPIO FREIRE – Boa tarde aos companheiros de Mesa, Rose, Deputado Adriano, nossa queridíssima Cida Horta, Toshio, o nosso samurai, boa tarde a vocês todos.

Primeiro, eu me sinto honrado em poder contribuir, ainda que muito pouco, nessa reconstituição da história do Benetazzo. O Benetazzo e eu, outro dia conversando com a Cida até nos assustamos, tínhamos uma amizade muito forte, muito intensa, mas se nós formos contabilizar em termos de tempo, foi só por quatro anos, mas naquele tempo tudo ou era para valer ou não era.

Conheci o Benetazzo porque nós éramos da coordenação da setembrada de 66, eu era presidente do Centro Acadêmico Casper Líbero e ele estava lá, eu acho pela filosofia, ele era presidente da filosofia, seria depois presidente do Centro Acadêmico da Filosofia. Nós ficamos responsáveis pelo material de divulgação, panfletos, cartazes, essas coisas todas.

Surgiu uma grande amizade daí, porque em seguida eu encontro ele, quando eu me matriculo num cursinho de arquitetura, eu já havia acabado jornalismo naquele ano. Ele era meu professor, o Benetazzo, então era muito engraçado. E outro que dava aula no cursinho era o Ramalho, que foi citado aqui, em cujos filmes o Benê trabalhou fosse como cenógrafo, fosse como ator.

Agora a gente precisa lembrar uma coisa. No fim dos anos 70, começo dos 80, o José Ramalho, ele fez um filme, o personagem central é uma mulher, a Paula, que é inspirado, segundo Ramalho, no Benetazzo. Isso é bom constar para a gente ter material sobre o assunto.

A gente costumava conversar muito, desenhávamos juntos, discutíamos sobretudo a questão de artes plásticas e política de uma maneira mais geral.

Eu sabia que o Benê era da dissidência pelo envolvimento dele no movimento estudantil, mas como eu saí do movimento estudantil muito cedo porque acabei a faculdade em 66, ele não sabia quem eu era em termos de organização política.

Eu lembro, retomando algumas coisas que a Cida falou, sobre a importância e o estímulo que ele dava a todo mundo para estudar, eu lembro de uma conversa que estávamos, ele, a Ângela Maria Rocha, que é professora da FAU agora e é artista plástica, e que fazia também curso de arquitetura, sobre a importância de o militante ser um bom profissional na sua área, no sentido de conhecer, no sentido de ser referência para sua categoria profissional que, mesmo discordando politicamente dele, o respeitasse. Isso é uma coisa que carreguei comigo e certamente a Ângela também.

A Ângela depois foi presa pelo POC, era o Benê da dissidência na época, a Ângela estava entrando na POLOP e eu na ala vermelha.

Isso era muito forte nele e ele dizia, além disso, no dia que nós tomarmos o poder, eu ainda acho que isso vai acontecer, vai depender da gente ser capaz, gosto de registrar essas coisas, nós precisaríamos de bons técnicos de esquerda, uma vez que a técnica não é neutra, nós não podíamos ficar reféns dos técnicos na direita. Foi uma longa conversa sobre isso, que terminou desembocando na ANEP, da revolução russa, enfim. Isso era uma coisa muito forte nele, uma paciência de Jó para explicar, para ouvir os que sabiam menos e acrescentar. Eu procurei aprender isso também com ele, com os que sabem eu sou meio nervoso, porque fazem errado porque querem, sem-vergonhice é uma coisa, erro é outra.

Eu lembro, quando eu fui preso foi o seguinte, o Benê saiu do Brasil mais ou menos em maio ou junho de 69, maio ou junho, por aí e houve uma grande festa quando ele foi para Cuba, quando ele saiu do Brasil, e houve uma grande festa na casa da Nair e do Jacques Breyton de despedida dele, que ia fazer um curso de artes na Itália. Era essa a versão oficial, Jacques Breyton era o casal, que depois seria preso também.

E eu vi que um monte de gente da dissidência e, como ninguém sabia que era aliado preferi não ir à festa, eu achava mais seguro para eles e para mim. Então, não fui

na festa dele, encontrei ele depois lá no apartamento do COPAN e foi a última vez que o vi.

O anúncio da sua morte, como a Cida bem explicou, foi dado depois dele já ter sido enterrado, mas eu estava preso no Tiradentes, o Celso estava lá também. Aliás, eram muito engraçadas as visitas, quando a Cida ia visitar o Celso, porque ela sabia de todos nós, talvez não soubesse que eu era amigo do Benetazzo, mas sabia de todos nós e a gente não sabia nada dela, com aquela cara de mocinha, toda bonita, com a saia preta de cetim, toda arrumadinha, lindinha a Cida, o Benê tinha bom gosto.

E a morte dele foi anunciada no rádio numa terça-feira. Isso eu lembro muito bem. Porque no dia seguinte nós tínhamos visita no Tiradentes. Como nós tínhamos algumas relações de parentesco. (Conversas paralelas.) Eu sei que era véspera da visita no Tiradentes, porque o Tiradentes teve visita nas quartas e depois teve nos sábados. Eu lembro que era uma véspera de visita, eu fiquei chocadíssimo com a história, qualquer companheiro que morre é muito duro, mesmo que você não conheça, mas quando você tem laços pessoais aí é muito forte, é muito terrível. Existem algumas mortes, como escreveu até o Renan Tapajós no livro dele, que parece que elas sintetizam todas as outras mortes, em determinado momento.

Desci para a visita, a minha mãe estava lá e a minha mãe tinha laços com o Benê, com a irmã do Benê, os pais dele estavam em São Sebastião, a irmã mais velha, Nordana, estava na França, a mais nova, Italinha, devia ter uns 10, 12 anos por aí, estava em São Sebastião com os pais. Aí pedi a minha mãe, ela foi ao Consulado da Itália, o Cônsul disse que ele não podia fazer nada, exceto se os pais, se familiares diretos do Benê fossem falar com ele. Minha mãe entrou em contato com a família do Benê, mas o pai dele não quis se meter nessa história. A verdade é essa. A mãe até gostaria, mas o pai nos quis se meter nessa história. É um pouco duro, mas acho que é história é história, a gente tem que andar para frente.

Sobre as versões da morte do Benê. Eu acho que muito a gente tem que pesquisar ainda com o pessoal que estuda a história da volta dos companheiros do MOLIPO de Cuba.

Só uma coisa que ia esquecendo. Quando eu caí, em agosto de 69, depois que já estava no presídio Tiradentes, aí depois caiu um amigo meu, o Diniz, eu no sol

conversando com ele, nós estávamos num processo de recuada da luta armada naquele momento, ele: Estou preocupadíssimo, porque alguns companheiros, e eu estava falando fundamentalmente do Benê e do Arantes, que eram duas pessoas que eu gostava muito, o Arantes nunca fui tão próximo, mas era uma pessoa que eu admirava muito, era um grande quadro; tem alguns companheiros que eu gostaria que caíssem agora, seria a única maneira de eles sobreviverem a tudo isso. E eu disse o Benê e o Arantes, porque era claro que eram pessoas tão especiais e tão envolvidas nas coisas, que eles não deixariam escapar. Nós estávamos ainda no fim de 69, ainda estava dando, mas a coisa ia fechar, ia pior, como piorou.

Quem encontrou o Benê quando ele veio de Cuba para entrar no Brasil foi um companheiro que foi da ALN, o Renato Martinelli. Eu acho que talvez vale a pena ouvir o Renato Martinelli no sentido de saber como que era essa passagem pelo Chile, entrada no Brasil, porque você pode ter problemas desde aí.

Depois, existem pessoas, eu acho que a gente deveria ouvir um pouco o Ivan Seixas sobre esse assunto, porque ele me falou de umas pesquisas que estão sendo feitas a esse respeito, ele já me falou há algum tempo, eu acho que valeria a pena ele depor aqui para a Comissão, ele tem informações a esse respeito. Eu não sei se já concluíram as investigações ou não, mas seria importante.

E, por fim, existe outra versão do assassinato do Benê, que ele teria sido levado para um sítio aqui em São Paulo, me parece que foi o carcereiro que falou, enfim, não sei, e ele dormiu a última noite nesse sítio sabendo tranquilamente que ia ser assassinado. De manhã levaram ele até o meio do sítio, ele pensava certamente que ia ser enforcado ou fuzilado, alguma coisa assim, aí veio alguém por trás com uma pedra muito grande e bateu na cabeça dele. Puseram ele no carro, no meio do caminho perceberam que ele não tinha morrido, voltaram e bateram com outra pedra na cabeça dele e levaram para desovar e fazer o teatro do atropelamento. Então, eu posso contribuir com isso.

Agora, a outra coisa que eu gostaria que acrescentasse aí é que ele realmente é de Verona, lá na Itália, mas a cidadezinha que ele nasceu, em Verona, chama-se Cadavid, porque é mais uma informação sobre ele também, é uma cidade lá em Verona, é uma cidade bem pequena.

Eu me sinto na obrigação de fazer alguns registros não aqui, vida afora, sobre essa figura, o Benetazzo, que foi muito importante para minha formação, foi um dos caras mais cultos e mais inteligentes da nossa geração de militantes, um cara de grande sensibilidade, mas capaz de dizer não também com muita dureza quando fosse necessário, como devem ser as pessoas mesmo, não era o idiota que está tudo bem. Além disso, era um cara de muito senso de humor e de uma ironia finíssima, o que me aproximava muito dele, o que nos fazia quase irmãos.

Então, eu acho que tem outra pessoa que pode dar algumas informações sobre a clandestinidade do Benê depois que ele voltou de Cuba, que é a historiadora Zuleika Alvim. No vídeo que o pessoal gravou ela dá um depoimento, mas ela tinha me contado uma história um pouco diferente.

O que ela me disse, aí é questão de conversar com ela, é que na casa dela, o Benê era muito amigo dela, eles tinham dividido apartamento com um monte de outras pessoas no COPAN uma época. Ela era secretária do cursinho universitário onde ele dava aula e o que ela me disse é que o Benê, quando estava na clandestinidade, depois da vinda de Cuba, que o Benê ia muito a casa dela para desenhar. Inclusive numa das exposições que nós montamos, a Cida também, que esteve na Secretaria de Cultura aqui, e depois em São Bernardo, foi fazendo um monte de coisa que ninguém filmava, que agora estão filmando também, se a gente não insistisse não ia acontecer nada, vários desses desenhos estavam expostos.

Eu fico imaginando o Benê disfarçado de operário, porque eu fico me imaginando também vestido de Nabucodonosor, dá no mesmo, ninguém vai acreditar. E vários desses auto-retratos que estão com a Zuleika, que ele fez na casa dela, ele está com óculos diferente, cabelo diferente, sempre de gravata. É muito bom ver aqueles desenhos. E ela tem o último desenho dele, que era uma colagem, e que ele não concluiu. Ele começou, ia voltar lá outro dia para concluir e não concluiu. Não dá para dizer o que seria, mas é um volume de um papel meio metálico, prateado, com as folhas verdes saindo de dentro, o que ele faria dali eu não sei. Então, eu acho que é muito importante também, porque quem sabe ela, lembrando de detalhes, possa nos dizer alguma coisa. (Conversas fora do microfone.) Quando ela conversou comigo me disse essa outra coisa.

Quem esteve com a Zuleika também, no comecinho dos anos 80, foi a Itália, quando a Zuleika ainda estava casada com o Marinho. Então, talvez valha a pena conversar com a Itália para ver o que a Zuleika disse desses mesmos desenhos antes.

Mas eu acho que essas são algumas pistas que a gente poderia ir atrás, acho que vale a pena. Aliás, vale a pena qualquer esforço nosso para esclarecer todas as mortes desse período.

A SRA. AMELINHA TELEZ – Há um fato que é importante que eu não disse: Benê estava se preparando para sair de São Paulo para ir para a zona rural. Interessante que, antes que isso pudesse acontecer, prenderam ele e aí mataram.

O SR. ALÍPIO FREIRE – Eu não sei se devo, não sei se estou autorizado, mas eu peço licença à Cida e ao Celso Horta, que foi quem me contou o que aconteceu uma vez no Sindicato. O Benê e a Cida tiveram uma filha, a Maria Antônia. E essa é uma história terrível, porque a garota um dia, em Cuba, eu não vou pedir que a Cida conte porque é exigir demais das pessoas, ela ouvir já é muito, por isso eu não sabia se deveria falar, mas é importante registrar, porque faz parte dessa história. A garota tinha 3 anos e meio, em Cuba. Quando eu soube fiquei feliz para burro. Aí um dia eu chego no Sindicato, encontro o Celso, pergunto de todo mundo, pergunto para ele: E a Maria Antônia? Ele parou, olhou para mim e falou assim: A Maria Antônia morreu, a garota teve um choque anafilático e faleceu em Cuba com todas as atenções tanto da mãe quanto do governo cubano. Isso é mais uma tragédia e é importante que fique registrado.

Eu peço desculpas, Cida, mas eu acho que a gente tem que fazer isso, essas coisas têm que vir a público para ver o tamanho do terror que essas pessoas criaram sobre as outras, o que isso afetou a vida de familiares de amigos de um monte de gente. Tem familiares que até hoje não conseguem conviver nem falar dessas histórias. Tem familiares que fazem terapia até hoje para conseguir lembrar dessa história ou reconstruir na sua cabeça. Porque nós, militantes, tudo bem, tudo isso é terrível, mas a gente peitou, a gente sabia que podia acontecer. Eu não tenho muito do que me queixar. Eu denuncio a tortura, não vou fazer o papel de dizer que o torturador tortura, é no

mínimo uma tolice, porque se existe o torturador é para isso. A gente denuncia, mas não é a tortura minha ou da Cida, do fulano, ou do Celso, que levou um cacete imenso, ou da Amelinha, ou de qualquer um que esteja aqui. São todos os desdobramentos e o clima de terror que se cria na sociedade.

Por isso sou a favor, dou a maior força à Comissão da Verdade e acho uma tolice a gente ficar muito preocupado que a Comissão da Verdade não pune. Nós podemos encaminhar os processos diretamente ao Ministério Público e pedir a punição das pessoas. Eu acho que tem que ser esclarecido e as pessoas têm que ser punidas. Os que estão mortos, esclarecido publicamente que aquele defunto em vida fazia tais coisas, porque todos defuntos viveram e fizeram uma coisa ou outra na vida.

Então, é isso que queria dizer. E mais uma vez fazer uma declaração pública de amizade e profundo carinho a essa mulher que está aqui, que é muito querida.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Apresente-se, por favor, falando seu nome completo e fazendo uma introdução.

O SR. TOSHIO KAWAMURA – Meu nome é Toshio Kawamura, morei e estudei em Mogi das Cruzes e depois vim para São Paulo fazer universidade. Quando estudava no ginásio tive a grande sorte de ter conhecido o Benetazzo. Sabe por que eu tive a sorte? Porque quando nós militávamos no movimento estudantil secundarista, o Benetazzo, ao chegar em Mogi das Cruzes começou a introduzir algumas coisas da grande problemática política.

Foi ele que trouxe e deixava pendurado na pensão em que ele morava figuras como Fidel Castro, Che Guevara, e nós, molecada, como vocês, o Sérgio Correia também era desse mesmo momento, só que é outro capítulo, era outra pessoa, toma muito tempo falar. Ele também fazia parte dessa moçada, que vou dizer moçada de Mogi. Nós temos o Sérgio Correia, que fazia parte dessa moçada e que morreu na explosão de uma bomba aqui na Rua da Consolação e nós temos o Antônio Benetazzo.

Agora, falando do Antônio Benetazzo, ele veio de São Sebastião, Caragua, foi morar em Mogi e fazer curso científico, em 61, 62 no Instituto de Educação Washington

Luiz. Ele chegou em Mogi das Cruzes, lá a gente tinha o grêmio estudantil que se chamava Ubaldo Pereira. O pessoal fazia alguns debates, mas ele começou, pouco a pouco passou a escrever essa revista do grêmio e ele escrevia alguns artigos, que vejo agora, posteriormente escrevia na imprensa popular. Isso ele fazia com a gente, com a moçada lá de Mogi. Isso deu condições da gente ter uma formação. Nós tivemos o privilégio de ter uma formação política quase que sob orientação do Benetazzo. Uma pessoa que chegou de outra cidade, para nós, mogianos, e era assim: Nossa, chegou um cara aí que parece que sabe muito de política. Todo mundo tinha curiosidade para saber quem era o Antônio Benetazzo.

Aí ele foi participando das atividades do grêmio estudantil, ele escreveu na revista do grêmio e esse momento para a gente foi muito educativo, ou seja, em Mogi das Cruzes havia vários sindicatos que tinham militantes do Partido Comunista Brasileiro nesses sindicatos.

Assim, só para entender a época do golpe, quase todos esses sindicalistas foram perseguidos. Aí a gente teve na prática uma educação do que é repressão. Os meus amigos, nós não éramos do PC, os meus amigos ajudavam a tirar os papéis que estavam dentro do sindicato, os meus amigos não entendiam porque eles estavam sendo reprimidos. E o crime deles nessa época era apoiar o Governo Goulart. E nós fomos educados na discussão de vários assuntos sobre política externa, quase tudo era discutido e levado para a gente. Nós, eu falo, a molecada, nós aprendemos muito.

Agora, o Benetazzo, vamos dizer assim, ele sabia como se aproximar e sabia como ensinar a moçada. Ele, para não ser um cara diferente, esse detalhe, logo depois que veio para Mogi, ele era um cara que lia O Estadão. Todo mundo começou: Por que ele lê O Estadão dessa época, né? E ele, para não ser uma figura extraterrestre, o time de basquete não tinha técnico. Agora vou fazer a maior confidência, talvez o Benê não goste, mas ele pegou livro de bolso e falou: Eu vou ser o técnico de basquete. Ele falou só para a gente, porque eu preciso estar fazendo alguma coisa: O que esse ser extraterrestre que fala de Cuba, de Vietnã, fala de muro de Berlim. Ele fez um artigo lá na revista sobre muro de Berlim. Mas aí ele passou a ser técnico de basquete e deu certo, ele foi o grande técnico de basquete.

Só tenho uma crítica ao Benetazzo, ele não me deixou entrar no time de basquete, ele falava: Japonês, você não leva jeito para a coisa. Então, era uma pessoa

que sabia transmitir o conhecimento que tinha. Acho que essa época foi muito importante para nós, que depois várias dessas pessoas de Mogi, todas elas participaram de movimento estudantil. Até na época que o Benetazzo estava em Mogi das Cruzes nós fizemos uma manifestação contra o ensino pago e o pessoal da cidade: Nossa, o que vocês estão inventando contra o ensino pago? O ensino não pode ser pago, acabou.

Nós fizemos, nessa época, só para ver o clima da época, uma marcha pela reforma agrária. Tinha gente que fechava loja, tinha gente que não entendia: O que esses caras, com faixas, pela reforma agrária em Mogi das Cruzes? Então, tudo isso, a questão ideológica sendo trabalhada, eu acho que uma das pessoas mais importantes nessa questão da formação ideológica é o Benetazzo.

Por isso, durante toda trajetória da minha vida sempre me pauto pelo jeitão dele falar, meio gozador, às vezes muito sério. Então, sou uma pessoa muito marcada na infância, assim, nessa época. Queria só falar para vocês, moçada, que está começando a estudar agora História, tudo isso, essa época é importantíssima, é aí que a gente forma qual é o modelo que a gente tem que seguir. E o modelo Benetazzo é o modelo do revolucionário.

Eu vou falar pouco, mas acho que é isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Apesar de você ter esse jeito intelectual, quer dizer, que você era lá de Mogi?

O SR. TOSHIO KAWAMURA – Eu morava em Mogi.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Como vocês vieram para São Paulo, o Sérgio Correia, vocês? Você estudou aonde? Vocês vieram juntos? Continuaram juntos e aí o Benê veio para cá?

O SR. TOSHIO KAWAMURA – É uma questão de estrutura. Toda moçada que fazia científico vinha para São Paulo para fazer faculdade. Então, quando vim para São Paulo fazer faculdade queria ser jornalista e fui reprovado. Depois fiz exame na São Francisco e entrei. Vários amigos meus, alguns, alguns foram para a PUC.

Ontem mesmo estava conversando com amigos da gente dessa época, estava falando: Olha, vai ter um ato de recuperação da ditadura, resistência. Ele falou: Toshio, eu tive participando do movimento estudantil e na greve de Osasco eu fiz parte de uma comitiva da PUC que foi prestar solidariedade aos grevistas de 68. Então, aparentemente, as coisas não têm ligação, mas tudo tem o que falo de ligação histórica, porque se não tiver história não tem mudança. Então, é uma máxima que tento seguir sempre. E é fácil seguir, depois de ter convivido com companheiros como Benetazzo, como Sérgio Correia e vários outros mais é fácil você fazer, você tem referencial para fazer política. Então, acho que devo muito...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A Dulce teve que ir embora, também queria fazer um depoimento. Toshio, só para você poder fechar: Você é uma pessoa que lutou a vida toda. Todos vocês vieram de Mogi para São Paulo em fases, cada um foi para uma faculdade. Conta um pouco essa transposição, porque o Benetazzo veio do litoral, parou em Mogi, ficou com vocês lá. Lógico, hoje não é dia de falar do Serginho Correia, mas ele entra nessa foto. Aí vocês vêm todos para cá, eu sei que em diferentes segmentos, e vocês não se relacionaram mais? O relacionamento de vocês se dá só lá em Mogi ou teve alguma continuidade aqui em São Paulo já na USP, na PUC, ou onde você entrou? Você veio aqui para São Francisco, o Benetazzo fazia FAU, ainda era lá Rua Maranhão. Fale um pouquinho disso, para concluir esse ciclo, que aí a professora vai fechar e o técnico também quer dar uma palavra sobre o CRUSP.

O SR. TOSHIO KAWAMURA – Acho que quando o pessoal veio para São Paulo, cada um tinha muito a ver com sua universidade, com os movimentos que existiam em cada faculdade.

Lá em Mogi das Cruzes, por exemplo, eu pensava diferente do Benetazzo, eu já tive acesso às teses da política operária. E quando cheguei aqui em São Paulo já estava

pronto para militar, porque era da política operária. Cheguei aqui, a estudantada falou: Chegou um cara de Mogi aí que parece que é bom. E comecei a militar na política operária, POLOP.

Agora, por exemplo, eu sabia mais ou menos das opções do Sérgio Correia, na época o Sérgio Correia e Antônio Benetazzo estavam na LN, parece que começaram, antes da dissidência eram da LN. Tenho um amigo que fazia Direito na PUC, ele se ligou à dissidência. Então, cada um de acordo mais ou menos com a militância que existia nas faculdades.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O Sérgio Correia foi fazer que curso?

O SR. TOSHIO KAWAMURA – Acho que ele fazia Filosofia, eu não sei exatamente.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Aí cada um foi cuidar do sua vida, não é isso?

O SR. TOSHIO KAWAMURA – Sim, mais ou menos assim, ninguém entrava na faculdade e tentava inventar, era mais ou menos o que existia, as questões políticas que estavam postas lá. Então, acho que é mais ou menos assim. E foram todos, assim, meio naturalmente e cada organização falava: Não, esse cara já passou por um estágio lá em Mogi das Cruzes, então já eram bem aceitos pelas organizações.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado Toshio.

Agora, a professora faz um trabalho tão importante lá em Caraguatatuba da memória do Benetazzo, a professora Rose Teles.

A SRA. ROSE TELES – Boa tarde. Eu dou aula na Escola Thomaz Ribeiro de Lima, era ginásio em Caraguatatuba, à época o seu Pietro Benetazzo tinha comércio lá e o Benetazzo e a Nordana estudaram na escola.

Eu fui para Caraguatatuba em 90 e sempre ouvia falar. Meu marido mesmo conviveu com ele, minha cunhada e eles falavam: Tive um amigo que morreu durante a ditadura. E eu sempre ouvia, estudei. Entrei na USP em 1979, então tinha toda a militância, então o movimento estudantil ainda era bastante forte.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Que curso era?

A SRA. ROSE TELES – Letras, eu sou professora de língua portuguesa, como a Cida, e eu sempre ouvia.

Agora, assim, a questão de resgatar a memória do Benetazzo na cidade de Caraguatatuba nasceu em 2010. Porque foi um dia, assim, eu fui visitar o Memorial da Resistência, estava na imprensa oficial, ainda ali no Museu da Língua Portuguesa quando tinha imprensa oficial e peguei o livro desses desaparecidos políticos daqui de São Paulo. Comecei a ver, aí o Roberto, meu marido falou de novo: Eu tive um amigo, Antônio Benetazzo, ele já tinha falado da praça. Aí peguei a história. E no momento que peguei, eu sou muito ligada à arte, gosto muito de artes plásticas, e no momento que li a história do Benetazzo eu vi que tinha ali um grande legado e eu pensei que as pessoas que conviveram com ele na cidade tinham muito a dizer.

Eu acho que um dos grandes passivos da ditadura, quem dá aula em escola pública sabe disso, é uma ausência de conhecimento da nossa história, do aluno, é da história recente, é da história passada. Então, é aquela indigência mesmo de conhecimento histórico, que é uma herança da ditadura. Então, pensei, até estava com uns alunos do 3º Ano, voltei animada, falei: Olha, vamos resgatar a história desse ex-aluno da escola. Imediatamente fui para o arquivo da escola para pegar o prontuário dele, não tinha prontuário. E a gente sabe que é uma prática da ditadura de ir apagando.

E todo mundo falava que ele era excelente aluno, nós conversamos. O Tarcísio está aqui, que é desse grupo de 2010, nós pegamos uma professora que o pai dela estudou com o Benetazzo, a Rosana Fachini. E fomos arrolando pessoas. Conseguimos pessoas que moraram com ele aqui no COPAN, até o Zinho Poloni, que tinha gráfica, trabalhava, ele era muito jeitoso para falsificar documento. O Zinho inclusive esteve com o Benetazzo depois que ele voltou de Cuba. Então, nós começamos a colher esses depoimentos. Nós fechamos o que queríamos saber, levamos às pessoas.

Nós tivemos orientação, até uma parceria com a Denise lá do arquivo histórico de Caragua, então nós fechamos mais ou menos o que queríamos saber. E eu já tinha trabalhado com história oral, então, eu sei mais ou menos como é que funciona o negócio. Então, nós levamos lá as perguntas, demos um tempo para a pessoa, marcamos as coletas e os alunos foram e eles fizeram um trabalho grandioso, porque os alunos degravaram. Nós montamos um dossiê de mais de 300 páginas. A Cida viu uma vez que foi nos visitar e nós viemos muitas vezes a São Paulo. Queria agradecer aqui diante de todos, a Amélia Teles sempre que recebeu os alunos, fomos duas vezes lá.

O Toshio também uma vez nós fomos fazer um bate papo com ele no Memorial da Resistência.

O Alípio nem comento, porque o Alípio nos recebeu um dia na Praça Antônio Benetazzo. Foi na Maria Antônia com a gente e levou umas pranchas com uns desenhos no Benetazzo e foi muito interessante o trabalho que ele fez. Ele deu uma aula de 1h00 da tarde, quando nos recebeu ali na praça, até quase o cair noite, quando voltamos, depois do bate papo com ele.

Depois, no ano seguinte, que era 2011, nós fizemos um ato de homenagem, que era pelo 70º aniversário de nascimento do Benetazzo, em Caraguatatuba, e foi muito interessante.

Isso que a Cida falou, que ele era uma pessoa de muita luz, é uma coisa que a gente percebe porque as pessoas gostam muito de falar sobre ele, a gente tem lá nos nossos arquivos. Ele fez a capa do primeiro livro do Mário Prata. Aí eu entrei em contato com o Mário Prata, o Mário Prata gravou um vídeo e a gente percebe que ele é uma pessoa que faz muita falta. Na minha vida fazia falta, na vida dos meus alunos percebo também que ele é uma pessoa que fazia falta, porque ele aglutina. Lá em

Caraguatatuba ele unia um grêmio. Chegou em Mogi, ele unia o pessoal do teatro. Ele foi ser técnico de basquete. Ele estava na fanfarra. Então, ele é uma pessoa que faz muita falta.

E quando nós fazemos esse trabalho hoje de resgate da memória do Benetazzo algumas coisas me incomodam. Eu acho que o legado dele nas artes plásticas tinha que ser recuperado, esse material está disperso e daqui a pouco nós não estaremos aqui e se perde.

Outra coisa que me incomoda é que eu venho esses anos todos em São Paulo e não existe placa na praça dele. Também me incomoda muito. Tiram. A gente vai ver lá também a homenagem ao Marighella e também tiram, mas temos que insistir e recolocar, fazer uma coisa mais durável. Eu acho que o Benetazzo merecia um álbum da obra dele para isso ficar. Merece isso, com certeza.

O Joel Rufino também é uma pessoa que nos mandou um áudio maravilhoso, é uma pessoa que privou da convivência dele antes, porque o Joel teve que sair batido logo depois do golpe, que ele trabalhava com Nelson Werneck Sodré, então, eles saíram àquela época. O Joel disse que chegou a jogar futebol profissionalmente lá e depois ele voltou clandestino, com outro nome, Pedro Ivo senão me engano, e aí ele trabalhou com Benetazzo essa época no cursinho universitário.

Ele disse que quando o Benetazzo saiu do Brasil para ir para Cuba passou algumas aulas para ele, história da arte ele não quis pegar, mas pegou história contemporânea. E o Benetazzo falou para ele: Olha, eu vou fazer outras coisas, não posso aparecer. Antes de ir para Cuba ele já ficou um período aqui na clandestinidade.

Então, nós temos feito esse trabalho lá e eu tenho projeto de continuar fazendo, de levar os alunos a trabalharem com esse tema e sempre fazendo uma ponte com o presente, porque acho que nós estamos aqui hoje porque o estado brasileiro, na sua violência, atingiu pessoas que têm voz, mas na democracia a gente continua com o estado brasileiro matando jovens, que não têm a mesma voz, da forma mais violenta e a gente convive com isso de uma forma como se fosse natural. Acho que desde a colonização que é assim, que genocídio, chacina e mortes não esclarecidas são quase naturais. Então, isso me incomoda muito.

Estava vendo aqui, a jornalista trouxe as revistas da Adusp aqui. Depois também apareceu a imprensa, uma imprensa popular do Benetazzo, mas somos ainda uma geração de papel. Eu também trouxe alguns jornais e queria deixar com a Comissão.

E gostaria também que uma aluna minha lesse um texto aqui, que é a voz deles, dessa geração, que eles vão levar a nossa história adiante.

Eu penso que tudo isso que nós temos de um passado triste eu acho que nós temos que ter esperança. Nós estamos aqui numa Comissão da Verdade e muitas comissões estão espalhadas por aí. E eu acho que é um momento muito importante, um momento histórico que estamos vivendo.

Gostaria que ela lesse o que representa para a gente o projeto, o grupo, esse coletivo que nós temos, o Memória Contada, que vai se renovando porque os alunos vão saindo, mas eles mantêm sempre um elo de afetividade. Nós temos um grupo, eles mantêm esse elo. Ela pode ler? (Pausa.) E se o Tarcísio puder deixar os jornais aqui. (Pausa.) Deixa com você, Diogo? Stephanie, você pode ler para nós?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Fala seu nome completo e onde você estuda.

A SRA. STEPHANIE ALMEIDA – Estudo no Thomaz Ribeiro de Lima.

O coletivo Memória Contada tem o projeto de cultivar a memória de Benetazzo para que possamos fazer os enfrentamentos do presente com a coragem que esses militantes demonstraram num período tão duro. Que essa experiência amarga sirva para que todos possam valorizar a democracia e contribuir para que ela se aprimore.

A ditadura civil militar, com sua odiosa censura, buscou não apenas alienar a nação daquilo que acontecia no País, mas também apagar as marcas da sua ação criminosa contra aqueles que não aceitavam o seu arbítrio. Conhecer nossas histórias é prevenir-nos contra novas investidas dessa natureza.

Para nós, jovens de hoje, que enfrentamos dificuldades numa sociedade desigual, Benetazzo é um exemplo de sensibilidade, coragem e, sobretudo, de generosidade e esperança.

Sua trajetória é um antídoto contra o individualismo imposto como caminho único para o sucesso e a felicidade. É um convite para pensarmos a sociedade que temos e aquela que queremos construir.

Resgatando sua história percebemos que os ideais que o alimentaram continuam presentes nos jovens de outrora, muitas vezes cansados por tantas batalhas perdidas e também em nós, que iniciamos agora um longo caminho, levando na bagagem essas memórias sobre um menino que veio da Itália e que, como nós, esteve presente numa escola pública em Caraguatatuba, o Thomaz Ribeiro de Lima. (Palmas.)

A SRA ROSE TELES – Então, era isso.

O SR. ALÍPIO FREIRE – Eu quero chamar atenção aqui para outra coisa que acho fundamental, o resgate de nossos companheiros e que a Rose faz isso de uma maneira maravilhosa, a Cida se comporta no mesmo rumo, o Toshio também.

O Benetazzo não era um herói, não era um mito, não era um ídolo, não era um gênio, porque essas coisas não existem. Essas coisas só existem para dizer aos mais jovens: Você não pode, isso é coisa dos heróis, dos mitos, dos gênios, dos ídolos. Ao contrário. E fica muito claro no texto que a jovem acabou de ler.

Benetazzo era uma pessoa que estudava numa escola pública e que tomou seu destino na mão. E com isso nós dissemos aos mais jovens: Você pode, você também pode. Que a coisa mais subversiva que a gente pode dizer a alguém, principalmente os jovens, que são criados cheios de amarras, cheios de humilhação por não serem da classe A, cheios de limites e com a chuva de canalhice entrando pelos seus ouvidos e olhos diariamente pela mídia. Vocês podem, todos vocês podem, como Benetazzo pôde. Era isso que queria afirmar.

E elogiar o trabalho da Rose, que por si já é fantástico, mas esse conceito de trabalhar é fundamental. Muitas Roses, muitos Benetazzos.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Fala seu nome completo, senão a gente fica falando Teco, e você faz um trabalho tão importante da recuperação da memória do CRUSP. Quem não sabe o Teco organizou toda memória do CRUSP, fez aquele enorme ajuntamento do povo do CRUSP e agora está preparando os 50 anos da prisão.

O SR. WALTER DA SILVA – No CRUSP eles me conheciam como Teco. Era da seleção de futebol de salão, do futebol de campo. Fui diretor de esportes da ORC, que era a organização estudantil do CRUSP, de 64 a 68, quando houve então a invasão do CRUSP nós fomos expulsos.

Apesar de toda opressão e de todo momento de ditadura que nós vivemos, o CRUSP era uma ilha dentro disso tudo, uma ilha que conquistou a liberdade. Tínhamos organização própria, de lá saíram os movimentos de rua, de lá saiu o Congresso de Ibiúna, de lá saiu a Guerra da Maria Antônia, as organizações começaram lá dentro também. E nós tínhamos organização social, política esportiva e etc., éramos bem organizados.

Tive o privilégio talvez na parte de esportes de se envolver com outras lideranças e fui o criador da volta da Cidade Universitária, em 1964. Esse ano está completando a 50ª Volta e esse ano completam os 45 anos de fechamento do CRUSP.

Em relação ao Benê, o que tenho bem vivo na memória, além da inteligência admirável dele, ele foi uma liderança do CRUSP, as assembleias do CRUSP eram dominadas pelo Benê, pelo Arantes, pelo Lauri, pelo Jeová, mas o Benê sempre foi figura de destaque nas assembleias e nos movimentos que ocorriam a partir do CRUSP.

Eu vi aqui na biografia que ele cita que participou da greve do fogão. Isso está bem nítido na minha memória. Teve um momento em que o ISU aumentou o preço das refeições e, coincidentemente, na mesma semana houve uma diarreia geral no pessoal.

Então, o pessoal ficou revoltado com a refeição e com o aumento e iniciamos a greve em relação ao restaurante.

E aí nós tínhamos uma lanchonete onde tinha um fogão e nesse fogão era feita alimentação dos cruspianos, mas principalmente, quem deu todo respaldo para essa greve foi a turma do Adriano Diogo, foi o pessoal da Alameda Glete, da Geologia, o pessoal da Geologia trazia o alimento em vasilhas e nós esquentávamos no fogão.

Aí o Paula Souza, que era o diretor do ISU, achou que a única forma de terminar a greve era levando o fogão embora. E numa madrugada do mês de julho, bastante frio, 5h30 da manhã, chovendo, aparece lá o Paula Souza com a Tropa de Choque, com o brucutu e foi retirar o fogão. Descemos todos naquela friagem, tentando cercar daqui, dali, recolheram o fogão e nós fomos todos atrás, cantando o Hino Nacional por causa do raio do fogão que estava sendo levado embora.

Mas não bastasse isso, eles resolveram investir contra nós e o raio do brucutu saiu jogando água em todo mundo e entrou entre dois prédios do CRUSP, há uma semana haviam colocado terra para adubar a grama e o brucutu encalhou e não tinha como sair, patinava, patinava. Aí o pessoal começou jogar pedra, alguns dizem que até tiro deram, mas fizeram de tudo em relação ao brucutu.

Passou-se meia hora, o pessoal foi embora, o fogão foi embora, todo mundo voltou para dormir. Depois de mais ou menos uma hora, acho que eram 6h30 da manhã a Tropa de Choque voltou. Foi uma coisa terrível, Adriano, porque eles chegaram e passaram de apartamento em apartamento, metia o pé na porta, arrombavam e foram dando cassetete em todo mundo que estava deitado, foi tirando e dando cassetete. Escapei dessa, não sei como, porque eles chegaram a bater até no 5º andar, eu morava no 6º. Mas foi uma Babilônia.

Naquela época a imprensa era censurada e nada disso veio à tona, mas bateram sem mais nem menos, vamos dizer, foi retirando o pessoal da cama e dando cacetada. Então, Benetazzo, há referência da greve do fogão, realmente ele teve participação na organização dessa greve, mas foi um fato que marcou no CRUSP.

Eu tive dois inquéritos, também tive que responder ao Coronel Alvin, pelo que me informaram, ele já é falecido. Eu ouvia falar que ele estava doente, mas eu tive informação de que ele é falecido. E havia acusação de eu ter sequestrado o investigador

e a outra é de ter tocado fogo no carro da Polícia. Esses movimentos generalizados que ocorreram lá.

E posteriormente o Prefeito da Cidade Universitária quis me contratar para ser o diretor do CEPEUSP, já que eu havia trabalhando com esportes a vida inteira lá. E tinha um coronel na reitoria que cuidava do listão negro e lá estava o nome do Walter como subversivo e ele não deixou. Isso foi em 75, e não deixou contratar. Ainda fiquei trabalhando dois meses de graça lá, organizando todo CEPEUSP, o contrato não saiu. Aí o Prefeito falou: Olha, falta de verba, tal. Mas, depois de dois anos ele me confessou que era porque eu era subversivo.

Mas eu tive o prazer de conviver com esses jovens todos que eram idealistas, representavam uma geração de protesto e de idealismo na época e que deram suas vidas para conquistar a democracia que nós temos hoje.

Eu acho que tem que ser feito jus à memória de todos esses nossos companheiros. Nós temos registrado aqui a lista dos desaparecidos, dos cruspianos que faleceram, mas quando nós fomos expulsos, em 17 de dezembro de 78, foi logo após o AI-5, e aí que a repressão se tornou mais intensa e todos esses acontecimentos vieram depois.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado, Teco.

Antes de encerrar a sessão, Celeste.

A SRA. CELESTE – Tanto o Alípio quanto o Toshio esqueceu de falar. Está sendo feito um documentário, que uma parte já foi vista, sobre o Benetazzo e teve prosseguimento. O autor do documentário pediu muito ao Toshio material sobre o Benetazzo e nós começamos a pressionar as pessoas de Mogi das Cruzes, que eram jovens naquele momento, hoje é juiz aposentado, outro é professor, a pressionar, pedindo fotografia. Vocês não sabem o tesouro de fotografias que chegaram às mãos para esse documentário.

Tem uma foto do Benetazzo, vocês não acreditam, depois dele amolar muito o Toshio, ele não deixou o Toshio entrar na equipe de basquete, mas o Toshio deixou ele entrar na fanfarra, que ele era o dono da fanfarra. Tem uma foto dele de terno, gravata, luvas brancas tocando na fanfarra. Você chora e ri, de pensar que ele era tão maravilhoso, que topou entrar na fanfarra fantasiado com aquele terno, aquela gravata, luva branca e batendo nos tambores. O Toshio atrás batendo prato, o Toshio não sabe nem falar dó, ré, mi, fá, sol, não canta, mas ele era o gerente da fanfarra. E o outro, que não sabia jogar bola, era o treinador do basquete da escola. As fotografias são sensacionais. Tinham as meninhas da fanfarra, todas de saíha curta, com as bandeiras, marchando na frente deles e eles bem entusiasmados, todos vestidos. Mas a luva branca do Benetazzo tocando na fanfarra é uma fotografia maravilhosa. Está na minha internet, posso procurar e mandar. E mandei tudo para o Milton Bellintani, que está fazendo esse documentário, ele fez aquela primeira parte.

Mas essas fotos que os companheiros lá de Mogi, que estão velhinhos: um foi buscar na casa da mãe, uma caixa de sapatos cheia de fotos da fanfarra e tem outras coisas.

E tem também a história de um cara que era muito rico lá na cidade, filho do prefeito, etc., e tal, que queria entrar na turma deles e eles nunca deixaram o cara entrar. O cara tinha um carro, conquistava todas as meninas, eles botaram o apelido de boy no menino e nunca deixaram, que esse cara não prestava. Não entrou em nada, o cara ficava sempre fora. E hoje é um deputado também, que ninguém aqui pode gostar dele. Você sabe quem é, né? (Pausa.) É melhor não falar, era um cara da extrema direita e eles tinham a visão de não deixar o cara chegar nem na festa do grêmio. Eles eram incríveis.

Mas essas fotos são maravilhosas, eu não acredito que o Toshio era o maestro da fanfarra e o outro era o treinador de basquete, entende? Era um negócio político intenso, de jovens de 17 anos, de coisas assim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado, Celeste.

O SR. – Adriano, eu acho que esse jornal que o Benetazzo escreveu é uma continuação do Jornal A Vanguarda que nós tínhamos lá, mesmo formato de impressão.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Antes de encerrar de verdade queria só organizar uma coisa. A professora Rose organizou os alunos, eles vieram com a camiseta estampada com o nome do Benetazzo. Então, queria pedir para as pessoas fazerem as considerações finais e aí junta a professora, a Cida e os amigos do Benê aqui, faz uma imagem para a TV e uma foto.

Cida, muito obrigado. Quer falar alguma coisinha?

A SRA. CIDA HORTA – Só queria destacar aqui mais uma vez o trabalho da Rose, porque eu acho que é fundamental que em nosso País haja professoras como ela, professores, que resgatem a história do nosso País e a história dessa luta, que tem de continuar, que ela não acabou. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Acho que ela definiu. Queria até contar uma coisa de público. Teve um ano que o Governo do Estado, tinha uma sobra de orçamento, ofereceu R\$150 mil para cinco escolas estaduais que a gente podia destinar. Era uma verba que estava sobrando e só podia usar em educação.

Aí entrei em contato, depois que fui lá naquela cerimônia. Faço questão de falar isso no ar porque me senti tão afrontado por causa daquilo. Então o Governo autorizou R\$150 mil para cada escola, para biblioteca, alguma coisa em escolas estaduais. Aí eu entrei em contato com a direção lá da escola, e falei: Olha, nós temos uma verba à disposição. Eu sou um deputado que só atuo praticamente aqui na Capital, mas como estive aí e vi a importância e a beleza do trabalho da professora, queria disponibilizar isso para as senhoras, assim, assado.

Aí ela falou: Olha, você vai ter que falar com o prefeito, aqui é muito complicado, tudo tem que passar pela mão do prefeito. E o prefeito havia sido deputado aqui conosco, era uma pessoa de difícil relacionamento. Bom, enfim, nós perdemos a

verba, a diretora de qualquer forma não aceitou e era uma coisa para fazer um memorial do Benetazzo, fazer alguma complementação lá que a escola precisasse.

Ela falou: Não, mas se você me arrumar uma van, um ônibus, eu gostaria. Falei: Não, teria uma destinação biblioteca, centro de memória, reforçar o trabalho. Aí nunca mais houve retorno. Depois o tempo passou. Queria contar isso em público, que era uma coisa importante.

Então, vamos fazer a foto, junta os alunos, a professora, os amigos do Benê.

O SR. ALÍPIO FREIRE – Eu quero agradecer estar aqui no meio dessas pessoas, todas de altíssima e grande dignidade, grandes lutadores.

Quero mais uma vez reforçar minha admiração e meu carinho pela Cida, que é uma pessoa muito especial mesmo, exemplar, discreta e sem abandonar um minuto a sua luta.

E para reforçar o que nos disse a professora Rose sobre o presente eu vou ler, eu acho fundamental essa ponte, eu vou ler um curtíssimo poema que vai estar no meu próximo livro, chama-se Da Tragédia: Nós sobrevivemos ao pau de arara, mas o pau de arara também sobreviveu. Essa é a grande tragédia.

O SR. TOSHIO KAWAMURA – O sentido de a gente estar falando do Benetazzo aqui eu acho que é muito profundo. Eu, depois de passar por todos os “estágios”, entre aspas, prisão, tortura, aí estava no exílio e acho que é muito importante esse fato. Eu vi uma faixa lá no Chile numa manifestação, que dizia: El pasado en el presente são de luchas e o futuro tiene que ser nuestro. Traduzindo um pouquinho do meu portunhol: O passado e o presente são de lutas e o futuro tem que ser nosso. Esse é o norte da militância que, toda hora que tenho alguma vacilação, a gente tem os momentos de vacilação, eu me lembro dessa frase: O passado e o presente são de lutas. Nós estamos analisando um passado de lutas e a gente tenta incluir, o Benetazzo eu não sei se é do presente ou do passado, mas essa outra frase: E o futuro tem que ser nosso. Eu acho que essa frase norteia até hoje o meu comportamento político.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pessoal, obrigado.

A sessão está encerrada.

Obrigado por terem feito esse esforço em vir para cá. Muito obrigado. (Palmas.)

* * *